

NORTE

Passeia-me ainda hoje pela memória aquele dia de Setembro de 1973. As férias grandes estavam a chegar ao fim. Ao acordar, senti o cheirinho doce de maçãs de Outono – a minha mãe espalhava-as pelas várias divisões da casa – e não resisti a saltar da cama, pegar numa e começar a roê-la, enquanto, junto à janela, admirava uma vez mais a paisagem belíssima que dali se desfrutava.

Nos últimos dias de férias, costumava ficar ali durante muito tempo, procurando reter essa imagem colorida e imensa – as vinhas, prestes a serem invadidas pelas roupas multicores dos vindimadores; as árvores, algumas das quais ainda carregadas de pêssegos, pêras e maçãs; os carreiros, a serpentearem entre uma e outra pequena propriedade; as casas, cada vez mais pequenas, até desaparecerem em pontos minúsculos, junto à linha do horizonte.

Abri a janela e aspirei longamente o ar fresco da manhã. Uma chuva miudinha começou a cair, deixando no ar o perfume inebriante da terra molhada, após um longo e seco Verão.

Como vou sentir saudades de tudo isto! – pensei, ao sair do quarto. – Desta beleza, destes odores, dos olhos grandes e tristes de minha mãe. E também do Norte, meu velho e fiel companheiro de folguedos, que em breve iriam dar lugar a actividades mais sérias.

Norte! Norte! Vamos dar um passeio!

Corremos os dois em direcção à serra, ele à minha frente, parando e esperando por mim, sempre que a distância entre nós se tornava um pouco maior.

Chegados ao local da encosta onde apareciam os primeiros pinheiros, sentei-me, exausta, sobre uma pedra. Norte parou, com a cabecita de lado, como era seu hábito, e olhou para mim com aqueles seus olhos cheios de doçura, esperando a habitual guloseima das nossas pausas entre brincadeiras.

- Tens azar, amigo! Hoje, não tenho línguas de gato!

Norte tinha uma especial predilecção pelas línguas de gato que a tia Sofia trazia sempre que vinha visitar-nos.

Lembro-me de ter então pensado que o olhar do Norte era o mais profundamente comovedor que eu já vira; transmitia-me e ensinava-me ternura, mais do que a maior parte das pessoas à minha volta.

Teresinha, a minha pequena irmã, apareceu lá ao fundo, e o Norte começou a ladrar e a abanar a cauda.

- A mãe mandou-me perguntar se tomaste o pequeno-almoço – gritou ela.

- Vou já!

Lancei um último e profundo olhar sobre os verdes e as aldeias lá em baixo e iniciei a descida, lentamente, enquanto o Norte se aproximava já da Teresinha, correndo atrás dela.

No dia seguinte, ao despedir-me de todos, antes de partir para Lisboa, não poderia imaginar que via o Norte pela última vez.

A carta era longa e muito imprudente, atendendo ao contexto persecutório, e, ao iniciar a sua leitura, apercebi-me imediatamente de que algo de extraordinário acontecera. Quase saltei as primeiras linhas, preenchidas com as habituais notícias sobre a saúde e as saudades, e só me embrenhei nas palavras quando li:

«O Norte continua a ser o maior amigo da nossa família. Desta vez, até o beijámos e o deixámos dormir aos pés da cama, como ele tanto gosta.»

Aqui, arregalei os olhos, porque a minha mãe sempre nos repreendera pelo excesso de familiaridade com o Norte.

«Como sabes, o teu pai, por mais que eu lhe peça, não se decide a abandonar aquelas actividades clandestinas que o ocupam frequentemente. Há duas semanas, reuniram todos cá em casa, e ouvi-os falarem de um certo projecto que nem me arrisco a repetir. (Antes que me esqueça, peço-te que destruas esta carta mal acabes de a ler.)

Há três dias, apareceram à nossa porta dois homens desconhecidos, bem vestidos, segundo nos contou mais tarde a Teresinha. Eu tinha saído, para fazer algumas compras e visitar a Senhora Noémia, que está de cama há um mês, o teu pai dormia a sesta e a tua irmã encontrava-se a brincar na cozinha. O Norte, que andava ali pela rua, começou a ladrar, e a Teresinha decidiu ir espreitar à janela. Contou-nos que hesitou entre abrir a janela, para acalmar o Norte, e ir acordar o pai, pois achou que os homens tinham um ar um pouco assustador. Felizmente, optou pela segunda opção. O pai levantou-se rapidamente, enfiou umas calças e um casaco, tirou uma pasta de uma gaveta e enfiou-se pelo alçapão que vai dar à adega, recomendando à tua irmã que dissesse aos homens que não se encontrava ninguém em casa.

A Teresinha abriu a porta no preciso momento em que um dos homens, ameaçado de perto pelo Norte, se dispunha a disparar sobre ele. Assustadíssima, a tua irmã começou a chorar, mas não deixou de informar que não se encontrava ninguém em casa, como lhe tinha sido recomendado. O Norte gania baixinho, junto dela. Os homens, depois de trocarem impressões em voz baixa, afastaram-se sem uma palavra.

Quando cheguei a casa, à noitinha, encontrei a tua irmã a chorar no sofá da sala, agarrada ao Norte. Contou-me, então, entre soluços, o que acontecera.

O teu pai regressou ontem, a meio da noite, e revelou-me o que eu já adivinhara: os desconhecidos eram da PIDE. Se não fosse o alerta do Norte, a estas horas estaria preso, provavelmente. Ele pensa que em breve voltarão e está a preparar-se para se refugiar algures (nem a mim me diz onde) e esperar que a situação mude, o que deverá acontecer brevemente, segundo acredita.

Minha querida, peço-te que tenhas muito cuidado. Eu sei, embora sempre tenha fingido ignorar, que estás envolvida nas lutas estudantis. Compreendo e admiro todos aqueles que se batem contra a repressão que sofremos. É urgente a liberdade, é urgente que haja melhores condições de vida, mas, por favor, não te exponhas demasiado. O medo constante do que vos possa acontecer está a tornar-se insuportável.

Escreve, sim? E não te esqueças de destruir esta carta, se a receberes...

Beijinhos e saudades de todos nós

Manuela»

Algumas semanas depois, Lisboa estava em festa. Não uma festa de dança ou fogo-de-artifício; não uma festa para turista ver; não uma festa superficial, para entreter o povo. Era a festa dos cravos vermelhos, a música da esperança, no palco da emoção e da alegria genuínas. Era, enfim, a festa da liberdade.

No fim-de-semana seguinte, decidi ir a casa. Queria festejar também com a família um acontecimento que era tão importante para nós. Comprei uma lembrança para todos, sem esquecer um pacote de biscoitos para o Norte.

À chegada, surpreendeu-me extraordinariamente o facto de os achar com um ar tristonho...

O Norte morrera de velhice ou, quem sabe, por sentir que já não nos fazia tanta falta, durante a madrugada de 25 de Abril.

Isabel Pereira Rosa, in *"Folhas Soltas"*, SOL XXI, 1998

Prémio de conto Biblioteca da Nazaré